

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

A forma informa: o corpo no protagonismo do ensino e aprendizagem

Débora Duarte Campos. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Orientadora: Silvia da Silva Lopes[1]

Resumo: A pesquisa intitulada "A Forma Informa" trata da temática do corpo e do aprendizado na dança. O projeto acontece a partir de reflexão sobre o quanto nossos corpos são atravessados por pressões estéticas, e como esta opressão influencia nas nossas práticas artísticas. Em contrapartida, como podemos criar a partir do corpo e sua diversidade. Ela também apresenta um diálogo entre corpos, linhas e desenhos que representam está ampla diversidade de formas. O projeto traz esta necessidade de maior representatividade possível, para que, nesta tentativa, os bailarinos que fogem do padrão estabelecido pelas grandes mídias, se sintam à vontade com a dança, com o ensino da arte e com seu corpo, o que ele representa e significa dentro da nossa sociedade. Um corpo negro significa diversas representações, ancestralidade, resistência e preconceitos da nossa história. Um corpo gordo não ter acesso, representa passar com dificuldade em lugares como a roleta dos transportes públicos, cadeiras de sala de aula com tamanhos padronizados, carrega olhares de reprovação, um corpo feminino foi por muitos anos um tabu, a história da mulher na sociedade nos mostra que o corpo nunca foi dela, até hoje no Brasil precisamos de autorização do marido para fazer a cirurgia laqueadura para não ter mais filhos, assim como os seios femininos que ainda são tidos como proibidos de serem expostos. Nossas formas, representam e informam como somos, nossas curvas e linhas dialogam com o mundo externo. O corpo fala.

Palavras Chaves: Corpo; Ensino; Arte; Forma.

A pesquisa originou-se no componente curricular do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura da UERGS, chamado introdução à coreografia, onde deveríamos apresentar uma coreografia embasada nos teóricos da dança. O tema desta pesquisa em dança foi a criação, onde o foco da obra é o corpo e suas formas. Assim perguntei-me, o que o meu corpo representa quando dança, na sociedade em que vivemos?

O objetivo geral deste projeto foi potencializar a representação de diversos corpos. Onde criar, ensinar e aprender seja a partir da forma que temos e não dá busca por uma forma corporal ideal.

[1] Sílvia da Silva Lopes. Professora e Coordenadora do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), Unidade em Montenegro. Coordenadora do Programa Institucional Brasileiro de iniciação à Docência(PIBID), núcleo Dança e Música. Mestre em Educação pelo PPGEDU da UFRGS. Especialista em Fisiologia do Movimente pela Universidade Veiga de Almeida do Rio de janeiro. Graduada em Educação Física pelo Instituto Porto Alegre (IPA). Atua nas áreas: Metodologia do Ensino da Dança, Técnicas Corporais e Criação.

Partiu da minha inquietação com a pressão estética dentro da dança, onde nos deparamos com corpos em sua maioria, magros, altos e brancos. Chamei colegas artistas que compartilhavam desta mesma inquietação, questionar o padrão corporal pré-estabelecido na cena da dança e potencializar as diferenças e formas corporais, afim de resultar em uma obra que representasse a todos e todas.

Realizei dez encontros durante o processo criativo, que foi dividido em duas fases. A primeira fase foi a coleta de materiais, através de vídeos assistidos, roda de conversa e questionários que registrei das reflexões do elenco. E a outra fase foi transformar as reflexões em dança a partir de jogos, tarefas e sequências coreográficas.

No primeiro encontro me inspirei em alguns dos processos de criação da Pina Bausch, ela foi uma grande catalisadora, ela primeiro sugeria temas, depois selecionava partes do que acontecia ao seu redor dando-lhes forma: elaborava uma montagem. Como aparece no artigo “A construção poética de Pina Baush” escrito por Solange Caldeira, o que mais interessava para a Pina eram as relações entre os seres humanos. A partir desta inspiração passei a observar, selecionar e montar os pedaços, então, apresentei um vídeo que tratava sobre a temática que iria trabalhar, sobre as representações do corpo na sociedade. O vídeo era da Nataly Neri uma mulher negra, que é criadora de conteúdo para internet, trabalha na empresa Youtube e é estudante de ciências sociais. Após o vídeo propus um questionário de três perguntas para eles(as): O que o seu corpo significa na sociedade em que vivemos? Defina em palavras o que é o seu corpo, você mudaria algo nele e porquê?

A partir das respostas as essas perguntas, pedi para que pensassem em ações que representassem o estado de seus corpos no dia a dia, como o corpo estava ao acordar, ao longo do dia, até aquele momento. Entrei então nas experimentações prática, onde primeiro eles(as) falavam em voz alta sobre as ações corporais do seu cotidiano, e depois passavam as ações para o corpo, até se transformarem em movimentos dançados.

A coreografia resultante desta pesquisa é composta por experiências transformadas em improvisações, que são selecionadas e depois resultam na

montagem da mesma. Durante o processo de criação, as palavras de representação social e identidade foram surgindo, pela ampla diversidade do elenco, corpos diversos, etnias e gêneros. Estas questões foram de extrema importância para que chegássemos no objetivo que tínhamos com este projeto.

Nestes primeiros encontros utilizei outros conhecimentos do tanztheater “O incerto no tanztheater de Bausch é o corpo humano concreto, um corpo que tem qualidades específicas e uma história pessoal, mas um corpo que também está escrevendo sobre algo, e escreve sobre representações sociais de gênero, raça e classe” (BIRRINGER, Johannes.p.86. 1986).

Com todo este processo, os bailarinos(as) entenderam o que e como seus corpos representam na sociedade onde vivem. Encerramos com um debate e então, passamos para a segunda parte onde gravamos um curto vídeo que eles dançam nus, expressando todos os significados que encontraram de seus corpos reproduzindo em formas e movimentos. Cada bailarino intérprete criador, carrega consigo uma vivência dentro e fora da dança e uma linguagem corporal. Eu quis que eles apresentassem essas linguagens no processo coreográfico.

Minha vivência como bailarina foi a partir das técnicas codificadas, mas como diretora me desafio ir além da reprodução automatizada, acredito que criar através de uma técnica codificada compreensível e didática se torna uma forma de criação em dança, mais ampla, sem ignorar os conhecimentos que os bailarinos trazem consigo.

Em contrapartida em um dos ensaios criamos uma partitura de movimento no nível baixo desconstruindo movimentos codificados das danças urbanas, que é a técnica mais latente de todos do elenco. Desta forma potencializamos a vivência de cada bailarino(a).

Lambert aponta os caminhos de uma ação prática corporal para a criação em dança voltada a renovação de sentido; uma ação que não se prende ao já estabelecido, mas que eclode de uma experiência vivida de percepções e investigações, nascida nas profundezas do artista, e articulada, no corpo, em ações expressivas gestos, movimentos, formas, texturas, espaços, tempos, dinâmicas ou intensidades.

> A criação surge aqui como um devir de expressão, uma necessidade poética que se dá por uma linguagem artística, na qual meu papel é estabelecer relações vivas e desafiantes com as temáticas de trabalho que proponho, com as pessoas e com os contextos. (LAMBERT. 2010).

Em todos os momentos do processo trabalhei enquanto diretora o projetar, executar e analisar, as tarefas que levava para o elenco. No término de cada ensai, conversávamos, mesmo que de maneira informal ou fora da sala de ensaio, para eu saber como eles estavam se sentido e se estavam conseguindo se expressar da melhor forma. Foi desta maneira que consegui montar estratégias para chegar no objetivo que gostaria e passar para a próxima fase do projeto que foi ligar todo este material recolhido das reflexões deles, e as vivências do corpo de cada um, como dramaturgia da coreografia.

Nesta nova fase de transformar os questionamentos e vivências individuais, na coreografia que conversasse com as danças urbanas. Levei as formas geométricas que poderíamos reproduzir através do corpo, neste ensaio pedi que fosse apenas um trio de bailarinos, este trio já tinha contato com um estilo das danças urbanas chamada Tutting que é um estilo totalmente baseado em geometria, padrões e ângulos e pontes com os braços, como se estivesse construindo quebra-cabeças ou caixas e há um número infinito de padrões que pode se criar. Propus uma imagem de três bailarinos formando um desenho geométrico e a partir desta imagens começamos a criar outros movimentos que nos levassem a outras formas, cada bailarino(a) sugeriu uma forma, e fomos criando até se tornar uma partitura de movimentos coreográficos.

Estas linhas, curvas e desenhos seguiram em os ensaios para criar este diálogo entre formais corporais e geométricas, representações que dialogam com o social e com o artístico.
Depois dos desenhos geométricos, falamos novamente sobre as formas dos corpos e levamos a atenção para cada parte do corpo, através de jogos e brincadeiras. Uma das tarefas que virou cena, foi aquele em que eu anunciava uma parte do corpo especifica, como por exemplo o cotovelo, e todos tinham que se conectar dançando e improvisando através do cotovelo.

Esta tarefa fundamentada por Anna Halprin “Com o seu método de improvisação estruturada, passa a vislumbrar um corpo que explora e expande suas possibilidades mediante a descoberta da ordem natural e harmônica de elementos independentes, que constituem a composição em dança, que se relacionam por caminhos imprevisíveis” (MUNIZ. p 70. 2011).

Estes procedimentos de criação, fizeram com que eu, como diretora, colocasse o foco no corpo quando ensino e aprendo dança, todo corpo pode dançar. A qualidade da técnica em dança, depende de um treinamento e não de uma forma específica corporal. Foi com estás reflexões que criamos a coreografia A Forma Informa.

O elenco relatou o quanto se aproximou do seu corpo, durante o processo, e como eles(as) se sentiram representados no resultado da coreografia.

Com isto, concluo que alcancei meu objetivo enquanto idealizadora do projeto, que foi levar representação das diversas formas corporais, que informa seus múltiplos significados dentro da sociedade em que vivemos.

Referencias

CALDEIRA, Solange. A construção poética de Pina Bausch. *Revista Poiésis*, n 16, p.118-131, Dez de 2010.

MUNIZ, Zila. Rupturas e procedimentos da dança pós-moderna. *Revista O teatro transcende do departamento de arte*, CCE da FURB, n 2, p.63-80 de 2011.

LAMBERT, Marisa. Expressividade cênica pelo fluxo percepção/ação: o sistema Laban/Barteieff no desenvolvimento somático e na criação em dança. *Tese* apresentada ao Programa de Pós Graduação no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, de 2010.

NEDER, Fernando. Contato Improvisação: origens, influências e evolução - Gens, fluências e tons. Trabalho desenvolvido para a disciplina "Evolução da Dança", UNIRIO-CLA, 2005: Rio de Janeiro.

SIMAS, Joseani e GUIMARÃES, Adriana. Ballet Clássico e transtornos alimentares. *Revista da Educação Física* da Universidade Estadual de Maringá. n 2, p.119-126 de 2002.